

---

## LUTERO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ALEMANHA DURANTE O PERÍODO DE 1517-1525

*Julio de Santa Ana  
São Paulo - SP*

Ao longo de todo este ano, diversos setores das Igrejas cristãs e da comunidade internacional comemoram o 500º aniversário do nascimento de Martinho Lutero. As igrejas de confissão luterana celebram a quem, há quase cinco séculos, sentou as bases de uma poderosa corrente de pensamento teológico. Outras igrejas protestantes se unem a esta celebração, recordando o homem de fé que, a 31 de Outubro de 1517, tornou públicas suas 95 teses sobre as indulgências, abrindo assim o caminho à reforma da igreja no século XVI. Outras confissões cristãs, a Igreja Católica Romana e as Ortodoxas, participam de diversas maneiras nestas comemorações. Estas não são exclusivas dos cristãos: por exemplo, no Brasil foi emitido um selo postal durante o mês de abril passado em homenagem à sua pessoa. E, o que chama ainda muito mais a atenção, o governo socialista (portanto, oficialmente ateu) da República Democrática Alemã se uniu a estas comemorações, organizando uma série de atos através dos quais exalta a memória de Martinho Lutero.

Este último fato é particularmente interessante, sobretudo se se tem em conta que Engels — um dos pais reconhecidos do atual governo da RDA — teve palavras muito duras para qualificar a Lutero pela sua atuação no tempo da sublevação camponesa na Alemanha de 1520 a 1525 (1). Esta visão negativa da influência social do reformador parece agora ser corrigida pelo regime socialista da Alemanha Democrática, que enaltece a Lutero como um dos que decisivamente atuaram em favor da formação do povo alemão como nação soberana. Estes acontecimentos nos levam a colocar, uma vez mais, a questão das relações entre Martinho Lutero e seus seguidores mais próximos, com os movimentos populares no período que se seguiu imediatamente à publicação das 95 teses. Foi Lutero um reformador

---

(1) Entre outras coisas, Engels definiu a atitude de Lutero como um "servilismo covarde". Antes havia escrito que Lutero se tinha transformado em "um laiaio dos príncipes". Cf. Karl MARX, F. ENGELS. *História* (organizador [da coletânea] Florestan FERNANDES), Ática, São Paulo, 1983, pp. 236-252.

---

social, assim como se reconhece nele o reformador da Igreja? Ou, como o assinalou Engels, corresponde ver nele um traidor do movimento popular, que acreditou oportuno servir antes aos príncipes alemães do que a seu povo? Neste artigo nos propomos tratar de esclarecer esta questão. Move-nos não somente uma preocupação histórica, mas também um interesse vital: até que ponto os movimentos de renovação da igreja promovem a renovação da sociedade? É possível aprender algo da experiência daqueles anos? Quais são os limites e as possibilidades que caracterizam os movimentos de reforma eclesial em relação aos processos de mudança social? Cabe ao leitor julgá-lo depois de ler este trabalho.

### I. A situação da Alemanha nos fins do século XV e começos do século XVI

Hans e Margarida Lutero foram os pais de Martinho. Este nasceu em Eisleben, pequena cidade de Turingia, em Saxônia. De origem camponesa, conheceu desde pequeno os sacrifícios a que estava acostumada a classe social a que pertencia. Hans Lutero também trabalhou nas minas de cobre de Mansfeld, onde a tarefa era dura e cansativa. A vida de uma família camponesa daqueles tempos era uma luta diária pela sobrevivência, enfrentando questões elementares como a fome, a saúde e o medo da morte.

Esta situação era o resultado de uma opressão secular: os camponeses alemães viviam submetidos ao poder dos príncipes (entre eles os da Igreja). Esta era quem, ante os olhos do povo, possuía em última instância, o poder de dominação. Na memória do povo alemão ficou gravada a intervenção do Papa João XXII frente a Luís da Baviera em 1323, a quem acusou de ter atuado como rei e imperador, antes que sua eleição tivesse sido aceita e confirmada pelo Papa. Este seguia as grandes orientações do pontificado romano, no seu período de maior poder, pretendendo a submissão dos príncipes e, através destes, dos povos. Luís da Baviera respondeu duramente ao Papa e, para isso se baseou na obra de Marcílio de Pádua, *Defensor Pacis*, que foi dada a conhecer em 1324. Nela se salientava o poder civil, devendo a igreja visível submeter-se a ele. Como se sabe, Marcílio foi excomungado pelas autoridades romanas, do mesmo modo que Luís da Baviera, que morreu em 1347. Dois anos depois, sucedeu-o Carlos da Boêmia (conhecido como Carlos IV), durante cujo reinado aumentou consideravelmente o poder dos príncipes eclesiásticos que, na realidade, ante os olhos do povo, serviam mais à autori-

---

dade de Roma que à nação Alemã (2). A recordação destes acontecimentos era constante em todas as camadas do povo alemão.

A submissão a Roma não ajudou a superar os problemas da nação alemã. Pelo contrário, durante os séculos XIV e XV a deterioração das condições sociais em que vivia o povo germânico, assim como também das instituições políticas que o regiam, foi evidente. Entrementes, multiplicavam-se as cidades, surgiam sonhos diversos sobre o destino nacional, ao mesmo tempo que o país não chegava a plasmar sua unidade. Por outro lado, havia uma consciência emergente das possibilidades da nação alemã. Também, por outro lado, a realidade demonstrava a extrema divisão de um povo submetido a interesses estranhos. Lucien Febvre o descreveu muito bem:

“A Alemanha era um país sem unidade: esse fato é fundamental. Havia alemães, numerosos, fortes, ativos, muitos alemães que falavam dialetos aproximados uns dos outros, que tinham muitos costumes, maneiras de ser e de pensar comuns. Formavam uma ‘nação’ no sentido medieval da palavra. Não eram, contudo, agrupados solidamente em um Estado bem unificado e centralizado, como um corpo harmonioso de movimentos dirigidos por um único cérebro” (3).

A situação alemã nos começos do século XVI era a de uma nação anárquica, um povo inquieto e agônico à espera de sua unidade, a partir da qual poderia começar sua caminhada histórica. O

- 
- (2) Assim escreveu Lutero em “*À Nobreza Cristã da Nação Alemã sobre a emenda do Estado Cristão*”, “Em segundo lugar, para que servem essas pessoas nomeadas cardeais? Dir-lhes-ei: as regiões guelfas e alemãs têm muitos mosteiros ricos, fundações, benefícios e propriedades, e não se encontrou melhor procedimento para atraí-los a Roma que criar os Cardinalatos e oferecê-los aos Bispados, e prelazias, arruinando assim o serviço divino. Assim se pode constatar hoje que a região guelfa hoje está quase deserta, os mosteiros destruídos, os bispados sem substância, enquanto que as prelazias e as entradas de todas as igrejas são transferidas a Roma. A isso é preciso acrescentar que as cidades estão em plena decadência, o povo corrompido, pois não há serviço divino nem pregação. Por que? É necessário que os Cardeais possuam os bens. Nunca o Turco teria podido chegar até este ponto para arruinar a região guelfa e destruir o serviço divino” — Em: Martin LUTHER, *Oeuvres*, Tome II, Labor et Fides, Genève, 1966, p. 95.
- (3) Lucien FEBVRE, *Un Destin: Martin Luther*, Presses Universitaires de France, Paris, 1952, pp. 71-72 — Há tradução ao português: L. Febvre: *história* (Organizador [da coletânea] Carlos Guilherme MOTA), Ática, São Paulo, 1978, p. 81.

---

florescimento das cidades indicava a força da burguesia emergente, enquanto que aguerridos movimentos camponeses denotavam as inquietações e rebeldias que já eram quase incontidas entre os pobres do setor rural. A isso se deve acrescentar o descontentamento de um setor da nobreza. Infelizmente, esse povo carecia de unidade moral e política. Num período histórico em que a França, a Espanha, Portugal e a Inglaterra se organizavam em torno de suas respectivas monarquias, a Alemanha seguia sem um soberano nacional. Com efeito, sobre o imperador, os príncipes (entre eles os religiosos) tinham uma superioridade inegável.

Martinho Lutero, alemão até a medula, não podia deixar de experimentar a agonia do seu povo. Entre tudo aquilo que viveu tão intensamente, somente a vida de fé, o "cativeiro" no amor de Deus, chegou a ser mais forte que seu sentimento nacional. Portanto, foi inevitável que, logo depois de haver dado a conhecer suas 95 teses, muitos (príncipes descontentes frente a Roma, humanistas, burgueses e os setores populares) o saudassem como um verdadeiro herói nacional. "Desde fins de 1519, o humanista Crotus Rubianus o chama 'o pai da pátria'" e o convida à ação, escrevendo-lhe logo numerosas cartas de incentivo; o cavaleiro de Schaumburg propõe-lhe asilo, se chegasse a ser perseguido; Hutten propõe-lhe o apoio de Sickingen e a proteção que oferecem as muralhas de Ebenburg" (4).

Vale dizer, quando Lutero irrompe sobre o palco da história, não se distingue bem se é como reformador da igreja ou como condutor popular. Naqueles tempos os assuntos teológicos e políticos estavam intimamente ligados. Por isso, quando foi condenado pela bula *Exsurge Domine* em junho de 1520, esse ato foi entendido ao mesmo tempo como um juízo religioso e uma decisão política.

Foi nestas circunstâncias que Lutero decidiu não escrever exclusivamente para teólogos e humanistas e, em troca, dirigiu-se *em alemão a toda a nobreza do povo alemão*. Na sua decisão há dois aspectos significativos. Por um lado, há uma afirmação nacional, ao escolher o idioma do povo para dar a conhecer suas idéias. Estas procuram dar orientações sobre a necessidade de que o estado leigo (o poder temporal) seja distinguido da Igreja, seguindo assim as idéias expressas por Marcílio de Pádua e Guilherme de Occam dois séculos antes. Também advoga o direito à interpretação do Evangelho em liberdade.

---

(4) Nota introdutória a "À Nobreza Cristã da Nação Alemã sobre a Emenda do Estado Cristão", op. cit., pp. 59-60.

---

e a oportunidade de reunir um concílio para considerar exclusivamente a questão papal. Mas, o que me parece mais importante, na segunda parte da sua obra se estende com precisão sobre como deve ser levada à cabo a reforma da Igreja. Por outro lado, é muito significativo que sua obra seja dirigida à *"nobreza cristã do povo alemão"*. Não é uma reflexão para todo o povo, mas para os príncipes, como se estes encarnassem a todo o povo alemão. Neste fato, aparece claramente uma das idéias mais importantes de Lutero sobre a organização da sociedade: esta se estrutura entre os que possuem a capacidade e a autoridade (Rom 13, 1-7) para administrar a coisa pública, e outros que necessariamente devem aceitar a condução dos príncipes.

O impacto deste trabalho de Lutero foi enorme. Diz-se que Ranke chegou a afirmar que este "Manifesto" é uma das obras que orientam e aceleram o desenvolvimento da história universal (5). O certo é que todos os setores da sociedade alemã encontravam satisfação neste texto. Membros do alto clero se regozijavam ao ver que a oposição à tirania romana tomava novas formas e maior impulso. A alta nobreza constatava positivamente que um membro do clero protestava contra a ingerência deste no domínio temporal, ao mesmo tempo que se comprazia com o papel que Lutero lhe assegurava na reforma da Igreja. O clero secular se sentia apoiado em suas posições frente às ordens mendicantes. E, ao mesmo tempo, havia membros destas ordens que faziam suas as posições de Lutero contra a instituição dos votos perpétuos. A pequena nobreza aplaudia, quando Lutero criticava os comerciantes que se apropriavam dos benefícios alemães. Quanto aos burgueses, que devem ter-se sentido atacados pela concepção de Lutero sobre o luxo, sentiam-se confirmados pela posição assumida frente às exigências do serviço e assistência aos pobres, à organização da educação e ao incipente desenvolvimento capitalista. Os humanistas se alegravam com a condenação do aristotelismo e da escolástica, assim como também com as propostas de uma reforma universitária. Também os mineiros e camponeses acreditavam encontrar nas posições do reformador, sinais de rebeldia que pressagiavam a revolução social que eles aguardavam. Tanto acordo é indicativo, por um lado, de uma posição não de todo bem definida por Lutero em seu escrito. Ainda que esteja claro o seu anti-romanismo, é imprecisa sua idéia da reforma social. Por outro lado, esse consenso também indica que na sua época tudo estava preparado para que sur-

---

(5) Citado por Knaake, sem referência — Ibid, p. 75.

---

gissem movimentos que procuravam superar a situação predominante na Alemanha, de submissão externa e anarquia interna.

### III. Os movimentos sociais na Alemanha nos começos do século XVI

Quando Lutero compareceu perante a Dieta de Worms em 1521, o consenso indicado mais acima determinou que a grande maioria do povo alemão o considerasse um herói nacional. Somente o setor que Engels definiu como "conservador-católico" estava interessado em manter o *status-quo* sob o controle do poder imperial (6).

Em Worms, Lutero compareceu perante o imperador e os príncipes alemães. Apesar de toda pressão exercida sobre eles, não se retratou de suas afirmações teológicas. No seu discurso perante a Dieta, assinala que sua única lealdade é à Palavra de Deus (7), que não nos exime de lutas e divisões quando se trata de manter a fidelidade a Jesus Cristo. Esta resposta de Lutero foi entendida não só como uma afirmação de fé, uma posição teológica, mas também como uma atitude política. Para o setor "conservador-católico" era uma definição intolerável. Para o resto da Alemanha ressoou como uma palavra cheia de dignidade, que reivindicava os direitos da nação germânica.

Como já vimos, esse resto majoritário do povo alemão, no apoio que dava a Lutero, expressava uma ampla aliança de opiniões e de classe. Em pouco tempo, entretanto, esta ia começar a deteriorar-se. Por um lado iam agrupar-se os setores que se opunham ao domínio imperial tradicional, que procuravam certas reformas, mas sem chegar a aspectos muito radicais nas mesmas. Eles incluíam elementos da alta e baixa nobreza, do clero e dos humanistas, e, sobretudo, da burguesia incipiente. Este era o grupo social mais importante naquele momento.

Os historiadores nos indicam que os burgueses alemães no início do século XVI tinham começado a ganhar dinheiro, muito dinheiro. Pela primeira vez na história da sociedade alemã, surgia uma classe social cujo projeto consistia em consagrar a vida para satisfazer o afã de lucro. Para tanto se estava produzindo uma mudança profunda de

---

(6) Op. Cit., p. 241.

(7) Cf. *Oeuvres*, Tome II – Labor et Fides, Génève, 1966, pp. 312-316.

---

mentalidade: o mundo medieval e sua cultura estavam sendo superados. Surgiam os representantes de um espírito novo: o espírito capitalista. Percebem-se claramente seus sinais:

“A venda a preços muito baixos, prefácio necessário de uma venda a preços demasiadamente altos; os jogos alternados da alta e da baixa; o açambarcamento, os ‘monopólios’, o engano sobre a qualidade e a quantidade; a exploração cínica e sem misericórdia dos fracos e dos pobres, tudo isso que se aprende na nova escola, nessas capitais do ouro onde se acolovelavam, na impaciência de aprenderem uns com os outros as práticas desonestas, homens de dez nações, todos ávidos de lucros” (8).

Para a burguesia é imprescindível conseguir uma reforma da Igreja, aquela antiga guardiã das velhas tradições e a velha moral. O burguês pretendia, no umbral dos tempos modernos, chegar a um contato direto, sem intermediários, com Deus. Na massa que apoiou a Lutero, “por sua cultura superior e seu crédito moral, a burguesia predominava” (9).

Mas, como foi indicado, essa aliança social não durou muito. As expectativas suscitadas pela atitude de Lutero entre os setores mais populares, levaram os grupos mais radicais entre os mesmos a assumirem posições claramente revolucionárias. Como o assinalou Engels:

“Os camponeses e plebeus juntaram-se num partido *revolucionário*, cujas reivindicações e doutrinas foram expressas do modo mais acerbo por Münzer” (10).

Estes movimentos populares alimentaram os desejos dos camponeses e dos servos, os setores mais pobres e deserdados da sociedade. Eles, do mesmo modo como os burgueses, se definiam contra a Igreja: era necessário reformá-la, para que deixasse de ser um instrumento de opressão e chegasse a ser um agente de liberdade. Essa consciência libertária se expressava em forma religiosa, através do movimento anabatista, que encontrava suas raízes nas posições de Jan Huss, de Praga, e em outros movimentos religiosos populares da Idade Média (Valdenses, Taboritas, Lolardos, etc).

Os anabatistas, que posteriormente foram considerados como a ala radical do Protestantismo, com sua exigência do batismo de adul-

---

(8) Lucien FEBVRE, op. cit., p. 79 — Ed. em português, p. 89.

(9) Ibid., p. 81 e p. 90.

(10) F. ENGELS, op. cit., p. 241.

---

tos pleiteavam a necessidade de uma renovação moral e social profunda. Nesse sentido, confrontavam os projetos e expectativas das classes dominantes e da burguesia. A maioria de seus adeptos se encontravam entre os camponeses. Tomás Münzer soube dialogar com eles através de uma linguagem popular de caráter profético, na qual combinava elementos religiosos com reivindicações sociais. Isso indica o conteúdo da consciência dos camponeses alemães: procuravam uma igreja popular ao mesmo tempo que uma sociedade sem opressores nem oprimidos. Para obter estas metas, todos os meios podiam ser utilizados, inclusive a violência (11). A posição de Lutero frente a estas definições camponesas foi finalmente de um rechaço violento.

### III. A tomada de consciência de Lutero

Recapitulando: quando Lutero irrompe na vida alemã, muitos o percebem como um condutor político que não só há de levar o povo alemão à unidade que procura alcançar, mas que também pode chegar a ser decisivo no desenvolvimento do processo histórico, que muitos desejavam tivesse características revolucionárias. Isto é, entre 1517 e 1521-22, Lutero não é somente um homem de fé, um professor de Sagrada Escritura, um teólogo e um reformador religioso: durante estes anos muitos o olharam como uma personalidade pública com traços decisivos para forjar o destino do povo alemão.

Embora estes elementos correspondam aos fatos, há neles também um grande equívoco. Camponês, com estudos universitários, Lutero foi antes de qualquer outra coisa um homem de fé, cativado pelo amor de Deus tal como se manifesta na Bíblia. Não foi sua preocupação a revolução social e política, mas a restauração da fé segundo os termos da Palavra de Deus. Como ele mesmo escrevera:

“Simplesmente ensinei, preguei e traduzi a Palavra de Deus. E então, enquanto dormia ou bebia a cerveja de Wittemberg com Felipe (Melancton) e Amsdorf, a Palavra debilitou enormemente o Papado, como nunca antes um Príncipe ou Imperador pudera prejudicá-lo. A Palavra fez tudo. Se tivesse desejado fomentar problemas, podia ter desencadeado sobre a Alemanha um grande banho de sangue. Sim, podia ter começado esse joguinho em Worms, e então o Imperador não teria estado a salvo! Mas, de

---

(11) Cf. Ernst BLOCH, *Thomas Münzer: Prophète de la Révolution*, Juilliard, Paris, 1967.

---

que se teria tratado? Apenas de um jogo de taças de cristal. Mas o deixei à Palavra" (12).

O equívoco consistiu em que, por poucos anos, os afãs religiosos e políticos coexistiram em todo esse movimento (ou coalização de movimentos populares) que apoiou Lutero, sem tomar em conta que para aquele monge agostiniano, a prioridade era teológica: a restauração da fé e a reforma da Igreja. É certo, como já se pôde notar nas secções precedentes deste artigo, que Lutero trabalhava simultaneamente pela mudança da Igreja e da situação sócio-política da Alemanha. Isto indubitavelmente ajudou para que os interessados num processo revolucionário se lançassem a procurar alcançar suas metas mediante ações violentas. Isto começou a ocorrer quando, depois da Dieta de Worms, Lutero passou um longo período no castelo de Wartburg, dedicado a traduzir a Bíblia para o alemão, obra por meio da qual criou condições para que seu povo tomasse contato constante com a Palavra de Deus, ao mesmo tempo que o dotava de um elemento privilegiado para construir a unidade cultural da nação alemã. Durante o retiro de Wartburg, no outono de 1521, os espíritos da massa se exacerbam: por todos os lados se pronunciam palavras violentas, publicam-se panfletos anticlericais, saqueiam-se igrejas e conventos. São sinais que anunciam uma revolução violenta.

Entre seus seguidores mais próximos, Karlstadt e Berhardi rompem com o voto de castidade. Isso ocorre quando se começa a insinuar a necessidade de que reforma religiosa e revolução social vão juntas. Lutero rechaça o caminho da violência. Como já se indicou previamente, sua noção de sociedade exige que "o poder secular e a nobreza exerçam sua autoridade normal: cada príncipe e cada senhor em seu domínio" (13).

O povo tem de obedecer, de seguir as orientações do poder estabelecido. Esta posição não é nova no desenvolvimento de seu pensamento e personalidade. A prioridade dada às coisas da fé, às realidades espirituais, às exigências de reforma da Igreja já estavam presentes desde muito antes de 1517, quando em sua época de monge — entre

---

(12) Citado por Gordon RUPP, *Luther's Progress to the Diet of Worms*, Harper & Row Publishers, New York & Evanston, 1964, p. 99.

(13) Lucien FEBVRE, op. cit., p. 151. Ao que acrescenta: "Tem cuidado com a autoridade. Enquanto ela não empreende nem comanda nada, mantém quieta tua mão, teus lábios, teu coração. Mas se podes pô-la em movimento para que atue e mande, tens toda a permissão de fazê-lo."

---

1512 e 1513 — descobriu, na torre do convento agostiniano de Wittemberg, que a salvação não depende do que a pessoa humana pode fazer, mas da graça de Deus, que dá a oportunidade de ser justificados pela fé (Rm 1,17). Desde então, tem uma visão clara: o teólogo tem de dedicar-se à restauração da fé, que inclui, entre outras coisas, dar orientações sobre a correção da ordem do "Estado Cristão", mas esta tarefa, segundo sua concepção, não é responsabilidade da Igreja, mas dos príncipes e nobres.

Isto só foi conhecido pelas pessoas que lhe eram mais chegadas. Hoje podemos percebê-lo pela leitura de seus escritos, entre os quais sua correspondência é importantíssima (14). Do mesmo modo, suas 95 teses são de caráter teológico. Mas o mal-entendido surgiu quando foram interpretadas como um grito de independência e de identidade germânicas. Outro fato que ajudou a cultivar este equívoco, produziu-se quando em 1521-1522, estando no castelo de Wartburg, escondido dos que procuravam eliminá-lo, guardou silêncio frente ao grande público quando começou a destruição e o saque de templos e conventos. Muitos interpretaram que estava de acordo com o que ocorria. No entanto, desde os fins de 1521 ele mostrou seu desacordo com as ações dos que dirigiam os movimentos populares radicais. A 17 de janeiro de 1522 escreveu a Spalatin que era necessário tomar distância dos "profetas de Zwickau" (predecessores de Münzer) (15).

Procurando ser um pouco mais preciso: O equívoco foi tomar Lutero por revolucionário, quando, na verdade, sua vocação primordial foi teológica e eclesial. Sua relação com os movimentos populares não foi o mais importante para ele. Neste sentido, não se pode falar de traição. Apesar de sua origem camponesa, o conteúdo da sua consciência enquanto teólogo esteve a favor dos princípios. Estes deviam ser os responsáveis da administração de ordem temporal. Daí sua reação visceral frente a tudo o que distorcia sua teologia, sua concepção de Igreja, expressa nas diatribes que lançou contra "os profetas de Zwickau", Karlstadt, Münzer e o movimento dos campo-

---

(14) Entre outras cartas, veja-se a que escreveu a 8/4/1516 a Georg Spenlein, na qual afirma que somente é possível confiar na justiça de Cristo, de caráter eminentemente espiritual. Cf. Martin LUTHER, *Oeuvres*, Tome VIII, Labor et Fides, Génève, 1959, pp. 10-11.

(15) Cf. Lucien FEBVRE, op. cit., p. 160.

---

neses (16). Infelizmente, o caráter excessivamente temperamental da sua reação ajudou a aumentar a dimensão do equívoco.

#### IV. O momento da definição: a revolução camponesa de 1524-25

A posição de Lutero, mais preocupado pela reforma da Igreja do que pela mudança de situação na Alemanha, já havia começado a ser percebida pelos setores populares desde 1522, por ocasião de uma viagem que fez no mês de agosto a Orlamünde para confrontar-se com Karlstadt. Ali foi insultado pelo povo, que já acusava a Lutero de não tirar as conseqüências lógicas de seu pensamento. No entanto, para Lutero não era imprescindível ocupar-se das coisas deste mundo. Para ele o essencial era concentrar-se nas exigências da fé, em Cristo crucificado e ressuscitado.

No entanto, quando estourou a revolução camponesa em 1524, muitos viram em Lutero o pai intelectual desses fatos. Ao mesmo tempo, entre os camponeses havia também os que apreciavam em Lutero o defensor dos oprimidos, o adversário dos opressores. Entre outras coisas, os camponeses reivindicavam o direito de eleger seus pastores, o que indicava suas aspirações de formar uma igreja democrática, não-hierárquica. Pouco a pouco o movimento camponês foi tomando força. Para isso foi determinante a ação de Thomas Münzer, personalidade carismática e visionária, convencido de posições que estava disposto a defender com toda valentia, como de fato o fez.

Durante meses, Lutero não interveio no debate. Em Abril de 1525, quando os acontecimentos começaram a precipitar-se, publicou sua *Exortação à Paz a propósito dos doze artigos dos camponeses da Suábia, e também contra o espírito assassino e de banditismo dos outros camponeses amotinados* (17). Por um lado, argumenta com os príncipes: o Evangelho não justifica a opressão que se descarrega contra os camponeses. Mas, por outro lado, debate com estes:

---

(16) Dizia Lutero: "É preciso despedaçá-los, degolá-los e apunhalá-los, em segredo e em público, quem possa fazê-lo, como se tem que matar um cachorro louco! Por isso, prezados senhores, quem aí o possa, salve, apunhale, bata, enforque e, se morrer por isso, morto mais feliz jamais há de poder alcançar". Citado por F. ENGELS em op. cit., p. 244.

(17) Martin LUTHER, *Oeuvres*, Tome XVIII, Labor et Fides, Génève, 1969.

---

o Evangelho não justifica, mas condena a rebelião, toda rebelião. A luta dos cristãos não se dá com a espada, mas com a cruz e a paciência. Só Deus pode destruir a autoridade; quando se procura fazê-lo por meio da revolta, então a rebelião não é contra a autoridade, mas também contra Deus.

A posição de Lutero foi cada dia mais dura contra os camponeses, à medida que continuava a guerra até fins de maio de 1525, quando os revolucionários foram massacrados por uma coalizão de príncipes católicos e luteranos em Frankenhausen. Nesse processo Lutero voltou a ratificar algumas das posições que já havia expressado em 1522, quando escreveu seu tratado *sobre a Autoridade secular*, "o juízo deve ser duro, o poder deve ser implacável, a repressão deve ser exercida sem sentimentalismo até a crueldade; pois a misericórdia não tem nada a ver com o mundo temporal" (18).

Para 1525 já não cabem dúvidas: para todo o povo alemão, Lutero é um homem do sistema. Seu interesse pela mudança se limita à Igreja. Mais ainda, para esse então, os acontecimentos vividos lhe dão certa amargura. Inclusive "se sente decepcionado da alma popular. O campo, doravante, desconfia dele e da sua pregação. A fé evangélica tenderá a confinar-se nas cidades. O reformador se encontra novamente só. A opinião pública o abandona" (19).

Dali para frente seu pensamento afirmou com toda clareza a "doutrina dos dois reinos": não se deve misturar o espiritual com o temporal. À Igreja corresponde a responsabilidade de ordem espiritual, próprio da fé. À autoridade civil toca a administração de ordem temporal, da esfera das instituições e das leis. Tentar uma extrapolação de uma ordem a outra é atuar contra a ordem de Deus.

## Conclusão

A grande riqueza de Martinho Lutero, maior ainda que sua teologia, foi sua vida de fé. Como ser humano, Lutero foi uma personalidade constantemente agônica, muitas vezes angustiada. Foi a partir de 1512 ou 1513 que começou a viver a certeza que traz consigo uma fé profunda. Essa experiência fez de sua pessoa um "cativo da Palavra de Deus". Como tal, agrilhado a ela, teve convicções muito firmes:

---

(18) Citado por Lucien FEBVRE, *op. cit.*, p. 172.

(19) Albert GREINEV, *Lutero*, Editora Sinodal, São Leopoldo, 1969, p. 158.

---

— Necessidade de uma reforma da Igreja para que esta fosse realmente fiel ao Evangelho. Essa reforma foi baseada em princípios bem claros: *sola gratia, sola fide, sola scriptura*. Somente assim é possível chegar a uma Igreja que expresse a *comunhão dos santos*.

— Para isso é necessário evitar misturar as ordens da realidade, isto é, corresponde manter intatas a autonomia do espiritual e do temporal. Se não se chega à isso, corre-se o risco de cair em desvios tais como a teocracia que predominou durante a Idade Média.

— À medida que se foi consolidando a reforma que impulsionou, seu profundo sentido comum o levou a não correr riscos inúteis, a não arriscar a existência da nova igreja. Daí sua posição de não a pôr em risco durante o processo revolucionário.

— Ao mesmo tempo, ao chegar o momento da definição das lutas sociais na Alemanha por volta de 1525, tomou uma decisão clara de repúdio radical da orientação mostrada pelos representantes do movimento revolucionário camponês.

— Ao mesmo tempo, no entanto, manteve sua posição firme contra os conservadores pró-romanos.

— Isso o levou a fazer alianças com os nobres que afirmavam os valores da "nação alemã", e com a incipiente — mas poderosa — burguesia que convergia em torno a interesses comuns.

— Sua ênfase no espiritual, na *justificação pela fé*, leva-o a desconhecer as mediações históricas do Reino de Deus, da ação de Deus na história de seu tempo. Essa carência de sua teologia, contudo, não é suficiente para justificar *teologicamente* a Múnzer e a outros teólogos que dirigiram o movimento camponês.

— Agrade ou não, Lutero não traiu o movimento camponês — *Na realidade se opôs ao mesmo* — ao mesmo tempo que argumentava com a necessidade de submeter-se à autoridade dos príncipes, estava apoiando os interesses da burguesia, classe social que demonstrava nesse momento a capacidade de começar a adquirir uma inegável eficácia histórica. Dito de outro modo, classe social que começava a ser o sujeito da história, a preparar sua própria revolução.

(Tradução de João Inácio Wenzel S.J.)

**ENDEREÇO DO AUTOR:**

**CESEP**

**Caixa Postal 65031 — Bela Vista  
01321 — São Paulo — SP**